

FACTO:

O maior organismo de investigação científica do mundo — o *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire* (CERN) — sediado na Suíça, conseguiu recentemente produzir as primeiras partículas de antimatéria. A antimatéria é idêntica à matéria física, só que constituída por partículas cujas cargas eléctricas são *opostas* às que encontramos na matéria normal.

A antimatéria é a mais poderosa fonte de energia conhecida do homem. Liberta energia com uma eficiência de cem por cento (a da fissão nuclear é de apenas 1,5 por cento). Não provoca poluição nem produz radiação e uma única gota bastaria para fornecer electricidade a Nova Iorque durante um dia inteiro.

Há, no entanto, um óbice...

A antimatéria é altamente instável. Reage quando entra em contacto com o que quer que seja... até com o ar. Um único grama de antimatéria contém energia equivalente à de uma bomba nuclear de vinte quilotoneladas — a potência da que foi lançada sobre Hiroxima.

Até há muito pouco tempo, só tinha sido possível criar antimatéria em pequeníssimas quantidades (uns poucos átomos de cada vez). Mas o CERN acaba de inaugurar uma nova era com o seu Desacelerador de Antiprotões — uma unidade de produção de antimatéria que promete criá-la em maior quantidade.

A grande questão que se põe é: virá esta substância altamente volátil salvar o mundo, ou será usada para criar a arma mais mortífera de sempre?

NOTA DO AUTOR

As referências a todas as obras de arte, túmulos, túneis e elementos arquitectónicos de Roma são totalmente factuais (bem como as respectivas localizações). Ainda hoje podem ser vistos.

A Irmandade dos *Illuminati* é igualmente factual.

PRÓLOGO

O físico Leonardo Vetra sentiu o cheiro de carne queimada, e soube que era a sua. Ergueu o olhar aterrorizado para a escura figura que se debruçava para ele.

— O que quer?

— *La chiave* — respondeu a voz rouca. — *A password*.

— Mas... eu não...

O intruso voltou a carregar, cravando o objecto incandescente ainda com mais força no peito de Vetra. Ouviu-se um silvo de carne a grelhar.

Vetra uivou de dor.

— Não há nenhuma *password*! — gemeu, sentindo-se deslizar para a inconsciência.

Os olhos do assassino brilharam.

— *Ne avevo paura*. Já o temia.

Vetra lutou por se agarrar à vida, mas a escuridão fechava-se à sua volta. Restava-lhe como única consolação saber que o homem que ia matá-lo nunca conseguiria o que fora ali procurar. Um instante depois, no entanto, a mão do atacante empunhou uma lâmina, que aproximou da cara da vítima. A lâmina moveu-se. Cuidadosamente. Cirurgicamente.

— Pelo amor de Deus! — gritou Vetra. Mas era demasiado tarde.

CAPÍTULO UM

Lá bem alto nos degraus da grande pirâmide de Guiza, uma jovem ria e chamava-o:

— Robert, despacha-te! Eu bem sabia que devia ter casado com um homem mais novo!

E o sorriso dela era mágico.

Ele esforçava-se por subir, mas sentia as pernas como se fossem de chumbo.

— Espera — pediu. — Por favor...

Enquanto subia, a visão tornou-se-lhe confusa. Havia um latejar surdo a ressoar-lhe nos ouvidos. *Tenho de alcançá-la! Mas* quando voltou a erguer os olhos, a mulher tinha desaparecido. No lugar dela estava um homem de dentes podres. O homem olhou para baixo, encurvando os lábios num esgar de tristeza. Então gritou, um longo grito de angústia que ecoou pelo deserto...

Robert Langdon acordou sobressaltado do seu pesadelo. O telefone tocava na mesa-de-cabeceira. Meio zozinho, pegou no auscultador. — Estou?

— Doutor Robert Langdon? — perguntou uma voz de homem. Langdon sentou-se direito na cama vazia e tentou aclarar as ideias. — Sim... sim, sou eu. — Semicerrou os olhos para consultar o relógio digital. Eram 5.18.

— Preciso de vê-lo imediatamente.

— Quem fala?

— Chamo-me Maximilian Kohler. Sou físico de partículas discretas. — É o *quê?* — Langdon mal conseguia concentrar-se. — Tem a certeza de estar a falar com o Langdon certo?

— O senhor é professor de Iconologia Religiosa na Universidade de Harvard. Escreveu três livros sobre simbologia e...

— Sabe que horas são?

— Peço desculpa. Tenho uma coisa que preciso que veja. Não posso discutir o assunto pelo telefone.

Langdon deixou escapar um gemido. Aquilo já lhe acontecera noutras ocasiões. Um dos perigos de escrever livros sobre simbologia religiosa era os telefonemas de zelotas que queriam que lhes confirmasse o último sinal recebido de Deus. No mês anterior, uma *stripper* de Oklahoma prometera-lhe o melhor sexo da sua vida se ele voasse até lá e verificasse a autenticidade de uma marca em forma de cruz que lhe aparecera misteriosamente nos lençóis da cama. *O sudário de Tulsa*, chamara-lhe ele.

— Como conseguiu o meu número de telefone? — Langdon estava a tentar ser delicado, apesar da hora.

— Na Worldwide Web. No *site* do seu livro.

Langdon franziu a testa. Tinha a certeza de que não incluía no *site* do livro o número de telefone de casa. O homem estava obviamente a mentir.

— Preciso de vê-lo — insistiu a pessoa que dizia chamar-se Kohler. — Pago-lhe bem.

Agora Langdon começava a ficar zangado.

— Lamento, mas...

— Se partir imediatamente, poderá estar aqui...
— Não vou a parte nenhuma! São cinco da madrugada! — Desligou e deixou-se cair de costas na cama. Fechou os olhos e tentou voltar a adormecer. Nem pensar. Tinha o sonho gravado no espírito. Relutantemente, vestiu o roupão e desceu ao piso inferior.

Robert Langdon deambulava pela casa deserta, a bebericar o seu remédio ritual para as insónias: uma caneca de fumegante *Quick* da *Nestlé*. O luar de Abril entrava pelas grandes janelas de sacada da velha mansão vitoriana, dançando na alcatifa ao ritmo do ligeiro ondular das cortinas. Os colegas costumavam dizer, na brincadeira, que aquela casa parecia mais um museu de antropologia do que um lar. As estantes estavam cheias de artefactos religiosos vindos de todo o mundo: uma *ekuaba* do Gana, uma cruz de ouro de Espanha, um ídolo cicládico do Egeu e até um raro *boccus* tecido do Bornéu, o símbolo de juventude eterna de um jovem guerreiro.

Quando se sentou na arca *maharishi* de bronze, a saborear o calor do chocolate, os vidros da janela devolveram-lhe o seu próprio reflexo. A imagem era distorcida e pálida... como um fantasma. *Um fantasma a ficar velho*, pensou, cruelmente recordado de que no seu espírito jovem habitava um invólucro mortal.

Ainda que não exageradamente bonito no sentido clássico, Langdon tinha, aos quarenta e cinco anos, aquilo a que as colegas da universidade gostavam de chamar um *charme* «erudito» — finas pinceladas de cinzento na densa cabeleira castanha, inquisitivos olhos azuis, uma cativante voz de barítono e o sorriso forte e descuidado de um atleta universitário. Membro da equipa de saltos para a água na escola secundária e na faculdade, continuava a ter um corpo de nadador, um metro e oitenta de físico bem afinado que mantinha vigilantemente em forma com cinquenta piscinas diárias.

Os amigos sempre o tinham considerado uma espécie de enigma — um homem apanhado entre dois séculos. Aos fins-de-semana, podia ser visto a deambular, de *jeans*, pelo quadrângulo, a discutir gráficos de computador ou história religiosa com os seus alunos; noutras ocasiões aparecia, com o seu casaco *paisley* de *tweed*, nas páginas das melhores revistas de arte, fotografado na abertura de uma qualquer exposição museológica para a qual fora convidado a fazer uma palestra.

Sem deixar de ser um professor exigente e um estrito disciplinador, era o primeiro a exaltar aquilo a que chamava «a arte perdida da boa e velha diversão». Adorava divertir-se com um fanatismo contagioso que lhe conquistara uma espécie de aceitação fraterna entre os estudantes. A alcunha que tinha no *campus* — o *Golfinho* — era uma referência tanto à sua afabilidade como à sua lendária capacidade de mergulhar numa piscina e fintar toda a equipa adversária numa partida de pólo aquático.

Estava ali sentado, sozinho, com o olhar absorto perdido na escuridão, quando o silêncio da casa foi novamente quebrado, desta vez pela campainha do *fax*. Demasiado exausto para se irritar, Langdon esboçou um sorriso resignado.

O povo de Deus, pensou. *Dois mil anos à espera de um Messias, e continuam persistentes como o raio que os parta.*

Foi, a arrastar os pés, deixar a caneca na cozinha e dirigiu-se ao escritório, uma divisão de paredes apaineladas a carvalho. O *fax* acabado de chegar esperava no tabuleiro de saída. Com um suspiro, Langdon pegou no papel e deu-lhe uma vista de olhos.

No mesmo instante, foi invadido por uma onda de náusea.

A imagem era a de um corpo humano. Estava completamente nu, e a cabeça fora torcida cento e oitenta graus, ficando voltada para trás. O peito da vítima apresentava uma queimadura horrível. O homem fora marcado com um ferro em brasa... e a marca reduzia-se a uma única palavra. Uma palavra que Langdon conhecia bem. Muito bem. Ficou a olhar, incrédulo, para as ornamentadas letras.

— *Illuminati* — balbuciou, com o coração a bater loucamente. *Não é possível...*

Como que em câmara lenta, com medo do que ia ver, Langdon rodou o papel cento e oitenta graus. Olhou para a palavra invertida.

Ficou instantaneamente sem fôlego, como se tivesse sido atropelado por um camião. Quase incapaz de acreditar no que via, voltou a rodar o *fax*, lendo a palavra na posição normal, e depois mais uma vez invertida.

— *Illuminati* — murmurou.

Aturdido, deixou-se cair numa cadeira. Ficou ali sentado, mergulhado na mais absoluta perplexidade. Pouco a pouco, os seus olhos foram atraídos pela luz vermelha que piscava no *fax*. Quem lhe enviara aquela mensagem continuava em linha... à espera para falar. Langdon ficou a olhar para a luz que piscava durante muito tempo.

Então, a tremer, pegou no auscultador.